



céu aberto

1997 . PT . 58'

realização

Graça Castanheira

câmara

Olga Ramos

montagem

Ricardo Luís

som

Gabriel Mondlane

grafismo

Vitor Duarte

música

Companhia Nacional
de Canto e Dança

compositor

Eduardo Durão

produção

Francisco Villalobos

Leonel Simões

Contacosta Produções, Lda

Rua Vale Formoso 108

1º Dto Lisboa

> IX Encontros Internacionais
de Cinema Documental, 1998
Amascultura, Lisboa

Melhor Documentário Português

(ex-aequo):

Céu Aberto

de Graça Castanheira

República Jornal do Povo

de Ginette Lavigne

> A cópia do filme *Céu Aberto*
foi gentilmente cedida pela
produtora Contracosta

> *Céu Aberto* é um filme feito em Moçambique no final de 1997. Num país que acaba de sair de trinta anos de guerras, o filme lança um olhar sobre as aspirações de crianças. *Céu Aberto* é, por isso, muito mais focado no futuro e em como Lucas, Hélder, Gervásio e Castigo, têm uma visão optimista dele.

Lucas e Helder são grandes amigos. Vivem perto do aeroporto de Mavalane e sonham em voar, ser pilotos, jornalistas, futebolistas, pessoas que viajam e conheçam o mundo. Gervásio vive nas ruas há um ano, uma ONG levou-o de volta à escola. Castigo vive em Marracuene, numa colina de onde se vê o grande Incomáti correr para o mar, normalmente não fala português, passa os dias no batelão que atravessa o rio e leva turistas para a praia da Macaneta.

“Nem sempre se parte com uma ideia muito clara para um documentário, muito menos quando se trata do primeiro documentário, como era o meu caso com *Céu Aberto*. Sabia só que não me interessava a desgraça da guerra – explorada até à exaustão pelos media em prejuízo das próprias crianças – e que, se era um documentário sobre crianças, os adultos não tinham direito a estar presentes. Queria também, de alguma forma, filmar o que me lembrava da minha infância em África: os meus amigos negros eram resistentes, tinham sete vidas e um impulso incontroável para a alegria.(...) recordo uma tarde em que decidi tentar reproduzir uma cena que tinha acontecido quando a operadora de câmara, Olga Ramos, ainda não estava em Maputo. A cena passou-se no batelão que faz a travessia para a praia da Maçaneta onde um grupo de miúdos oferece brinquedos, desenhos e miniaturas de barcos aos turistas. Nessa tarde conversei muito com eles e, quando me vinha embora, alguém surgiu com um “tijolo” que tocava o *hit* do momento – “Amor inesquecível” – o que fez com que os miúdos comessem a dançar na margem do rio enquanto o batelão se afastava. A “cena”, o momento, foi de uma intensidade fulgurante; a perfeição inesperada da dança, a luz, que não podia ser mais africana, o som da música em fade à medida que o batelão se afastava, os

miúdos que a certa altura acenaram – tudo o que queria de uma cena para fechar o filme – pensei eu. Portanto, dado que nada disto foi gravado em nenhum suporte para além do meu irreproduzível córtex, era indispensável recriar o momento. Poucos dias depois de termos começado a filmar, reuni os miúdos, avivei-lhes discretamente a memória, e deitei mãos à obra, que é como quem diz: carregava no *play* do “tijolo”, fugia de campo, apanhava o batelão e ia para o pé da Olga tentar ver o que tinha visto. Regressava de batelão e repetia, segunda, terceira e quarta vez. O sol escondeu-se atrás de uma nuvem e nunca mais de lá saiu, os miúdos não estavam com vontade nenhuma de dançar, limitavam-se a oscilar sem sal ao som da música – um acto falhado, um verdadeiro fiasco. (...) Há de certeza coisas que nunca cheguei a aprender, outras haverá que ignoro completamente. Com todas as indecisões e erros de principiante, sei que gosto de *Céu Aberto*. Não é gabarolice. Está feito, já nem é meu. É de quem o quiser apanhar.” Graça Castanheira in *Novo documentário português*, Ed. Cinemateca portuguesa, 1999

Numa entrevista on-line em www.doc.ubi.pt Graça Castanheira diz:

“...para mim filmar e montar acabam por constituir a própria pesquisa. E filmar vem em primeiro lugar. Não há nada mais angustiante do que sentir na montagem que faltam cenas, ou que o material é mau. É também a única fase do processo que não envolve qualquer espécie de sofrimento. Estou bem, quando filmo.”

Em *Céu Aberto* cada plano vale por si, é um momento único. Nenhum plano carrega consigo o peso de ser um grande contributo para o desenvolvimento dramático-narrativo do filme, o que se vê é a capacidade de Graça Castanheira em estar com as pessoas, em partilhar com elas momentos. Saber estar, saber partilhar é mais que discutir ideias ou pontos de vista. É, também, acreditar no futuro, mesmo quando não há certezas. <

*{ Programação da responsabilidade de Manuela Penafria }

exibição

19 | maio | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}